

Coleta de dados do ALiB em São Paulo: primeiros inquéritos*

Vandersí Sant'Ana CASTRO
Unicamp

Introdução

A coleta de dados para o Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) no Estado de São Paulo teve início em abril de 2002, em Campinas, onde foram entrevistados dois informantes – um homem e uma mulher, ambos do grupo etário 2 (50 a 65 anos). Nesta breve reflexão sobre a experiência realizada, focalizaremos os seguintes aspectos: *a escolha do informante, a interação informante/inquiridor, a reação do informante ao questionário.*

1. A escolha do informante

Como se sabe, no que diz respeito ao perfil do informante, o ALiB traz algumas inovações em relação aos atlas regionais brasileiros que o precederam (Comitê Nacional do Projeto ALiB, s/d; Pisciotta, 2001). A primeira delas é que nos atlas regionais já realizados os dados foram colhidos junto a habitantes da zona rural; no entanto, no projeto nacional entra em cena o informante urbano, incluindo-se aí o habitante das capitais e dos grandes centros urbanos. Essa mudança se justifica, considerando-se que a configuração demográfica do país mudou muito na segunda metade

* Comunicação apresentada na sessão *Os inquéritos definitivos do ALiB: experiência de campo*, na XIX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos, realizada em Fortaleza, de 3 a 6 de setembro de 2002.

do século 20, passando de predominantemente rural a predominantemente urbana.¹ Em Campinas, por exemplo, é nítida a concentração urbana: conforme dados do CENSO 2000, nessa cidade, que possui 4 distritos, 98,33 % da população (de 969.396 habitantes) vivem em áreas urbanas, e apenas 1,66 % vive em área rural.

Outra inovação do ALiB diz respeito ao grau de instrução do informante. Nos nossos atlas regionais os informantes são em grande parte analfabetos, ou têm pouca instrução, chegando, no máximo, ao primário completo.² No ALiB, mantém-se a 4ª série como grau máximo de instrução, excetuando-se o caso das capitais, onde também serão inquiridos informantes de nível universitário. Mas, diferentemente do que ocorreu nos atlas anteriores, o ALiB não inquirirá analfabetos, integrando, inclusive, em seu questionário, um texto a ser lido pelo informante.

No que diz respeito à seleção dos informantes em Campinas, a combinação dessas duas características do informante – habitante *urbano* de *baixa escolaridade* – com a exigência básica em investigação geolinguística de que o inquirido seja natural da localidade, e seus pais também, preferentemente, representou uma grande dificuldade. Centro da mais rica e dinâmica região administrativa de São Paulo, importante centro educacional (com 3 universidades) e de saúde (com 15 hospitais), Campinas tem atraído muitos migrantes do próprio Estado e de outros Estados. O ponto de dificuldade está em encontrar informantes urbanos de família natural da localidade que não tenham ido além da 4ª série. A baixa

¹ Em 1950, 63% da população brasileira vivia no campo e 37% nos centros urbanos. Já em 1991, 75% da população é urbana e 25%, rural (Comitê Nacional do Projeto ALiB, s/d: 2). Na década de 90 essa mudança se acentuou: o CENSO 2000 constatou que 81,24 % da população brasileira vive nas cidades e 16,75 % no campo (conforme dados do IBGE divulgados na Internet).

² A título de exemplo, lembramos que, no *Atlas prévio dos falares baianos* (Rossi, 1963), dos 177 informantes (incluindo-se nesse número os circunstantes), 86 eram analfabetos (e 15 semi-analfabetos); no *Atlas lingüístico do Paraná* (Aguilera, 1994), dos 130 informantes, 75 são analfabetos.

escolaridade está, em geral, associada a migrantes ou filhos de migrantes. A dificuldade se acentua no grupo etário 1 (18 – 30 anos).³

Para a localização dos informantes com o perfil desejado, recorreremos a contatos com a prefeitura municipal – setor de educação de jovens e adultos; seção de recursos humanos de diversas unidades da UNICAMP; pessoas relacionadas com igrejas e instituições assistenciais. Mais do que indicar informantes, esses intermediários podem estimular sua participação na investigação. Isso porque ter encontrado o informante não significa ter sua colaboração garantida. Em Campinas, por exemplo, ocorreram, neste ponto, dois tipos de dificuldades: a resistência de algumas pessoas a participarem da pesquisa, talvez por um vago temor do desconhecido, e a impossibilidade da colaboração de outras pessoas, por não disporem de tempo suficiente para o contato com o inquiridor. Ilustram o primeiro caso duas alunas de classes de educação de adultos: uma senhora, que desistiu da entrevista na véspera da data combinada, e uma jovem, cujo marido demonstrou certa apreensão em expô-la a contato com estranhos. Nos dois casos não insistimos com os candidatos,

³ De maneira geral, o nível de instrução dos brasileiros vem crescendo gradualmente. Em recente matéria sobre o assunto, *O Estado de S. Paulo* (13/09/2002) expôs dados da Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (IBGE) relativa a 2001, comparando-os com os dos anos anteriores, tornando evidente esse crescimento. Reproduzimos abaixo, ilustrativamente, os dados referentes a 1992 e 2001.

ANOS DE ESTUDO - Pessoas de 10 ou mais (3m %)

Ano	Sem instrução ou até 1 ano	1 a 3	4 a 7	8 a 10	11 anos ou +	Não determinados ou sem declaração
1992	18,4	22,1	33,9	11,4	14,1	0,2
2001	12,6	16,5	33,1	15,3	21,7	0,7

Observando-se os dados de 2001, pode-se constatar que 70,1% das pessoas de 10 anos ou mais têm escolaridade acima de 4 anos. Isso, em parte, explica a dificuldade que os inquiridores do ALiB têm encontrado para localizar informantes com a escolaridade prevista no projeto (não mais que a 4ª série).

entendendo que para o bom andamento do inquérito é fundamental uma disposição positiva por parte do entrevistado. Por outro lado, acreditamos que a atuação adequada de um intermediário conhecido dos candidatos a informantes pode evitar esse clima de desconfiança ou resistência.

O que queremos acentuar com essas observações é que uma atitude criteriosa na seleção dos informantes, por mais tempo e trabalho que isso exija, parece-nos indispensável para garantir dados confiáveis na coleta do material. Com essa preocupação se fez a seleção dos dois informantes entrevistados em Campinas, de tal modo que eles correspondem plenamente ao perfil previsto no projeto ALiB.

1. A interação informante/inquiridor

De um modo geral as duas entrevistas realizadas foram boas, particularmente a do informante do sexo masculino, que demonstrou, de maneira inequívoca, seu interesse e satisfação em participar do trabalho.

Na interação com os informantes, pudemos constatar a conveniência da atuação em dupla na realização do inquérito, procedimento adotado como regra para o trabalho de campo do ALiB. A divisão do trabalho garante tranquilidade na execução das tarefas de cada um dos investigadores e permite a ambos darem mais atenção ao informante, conferindo à interação um caráter mais espontâneo.

Com relação ao ambiente de realização dos inquéritos, tivemos em Campinas duas experiências diversas: uma das entrevistas foi feita em estúdio, na UNICAMP; a outra, na residência do entrevistado, em circunstâncias muito favoráveis – o ambiente era de total tranquilidade, sem interrupções ou ruído. Pareceu-nos que o último caso foi mais propício à criação de um clima descontraído e espontâneo, de tal forma que as três horas da entrevista passaram sem percebermos.

Com respeito à atuação do inquiridor, duas observações devem ser feitas.

- 1^a) Ouvindo a gravação, pudemos perceber que sua fala mostrou um ritmo mais rápido do que a fala do informante - traço pessoal no desempenho lingüístico, evidentemente, mas também indício de sua preocupação com o tempo, por certo, dada a extensão do questionário. O desejável, no caso, seria se harmonizar mais com o ritmo do interlocutor.
- 2^a) O inquiridor muitas vezes não conseguiu evitar observações avaliativas de aprovação após as respostas do informante, manifestando-se com expressões como “É!”, “Isso!”. Reconhecemos o caráter indesejável dessas manifestações, mas, por outro lado, assinalamos que é difícil para o inquiridor escapar ao envolvimento emocional na conversa com o informante, e desse envolvimento é que derivam tais exclamações.

Parece oportuno acentuarmos, neste ponto, que o inquiridor pode sempre melhorar seu desempenho observando criticamente sua atuação ao ouvir a gravação da entrevista.

3. A reação do informante ao questionário

O último aspecto a ser tratado diz respeito à reação do informante aos questionários. Nos dois inquéritos realizados em Campinas, algumas questões não obtiveram as respostas esperadas e é importante uma reflexão a respeito. Considerando o inquérito do informante do sexo masculino, de 60 anos, a primeira observação a ser feita é que a entrevista transcorreu de forma tão fluente e espontânea, com uma atitude tão cooperativa por parte do inquirido que foi surpreendente constatarmos, ao ouvirmos a gravação, que várias perguntas não tinham obtido as respostas previstas. Essas perguntas se distribuem nos três questionários, conforme especificamos a seguir.

No Questionário Fonético-Fonológico (QFF), a omissão, se assim podemos dizer, foi de 2,5%, ou seja, das 169 perguntas, 4 ficaram sem a resposta prevista: a questão 23 – *grelha* (o informante respondeu *gralha*); a questão 138 – *doido* (o informante deu várias respostas, como *irado*, mas não falou *doido*); a questão 142 - *braguilha* (o informante alegou não se lembrar); e a questão 150 – *perdida* (vários termos equivalentes foram ditos, mas não saiu *perdida*).

No Questionário Semântico-Lexical (QSL), o índice de omissão foi mais alto: 15,34% ficaram sem a resposta prevista, isto é, 31 das 202 questões. (Observamos que nesse número estão incluídas respostas em que o inquirido não enunciou a classe de palavra esperada, usando, em seu lugar uma formulação diferente. É o caso, por exemplo, da resposta à questão 85 – *libélula*, em que não ocorreu precisamente o nome dado ao inseto, mas uma descrição de seu comportamento aludindo ao fato de que ele *batia a bundinha na água*.) Identificamos abaixo as 31 perguntas referidas, indicando também seu número no questionário:

24. alvorada	87. coró
30. estrela vespertina /da tarde/Vênus	89. pálpebras
33. via láctea/caminho de Santiago	95. conjuntivite/dor d'olhos
44. umbigo/coração (bananeira)	99. dentes molares/dente queiro
47. soca/touceira	105. pomo-de-Adão/gogó
51. mandioca (p/ farinha)	113 . útero
54. cangalha/forquilha	121 . menstruação
55. cangalha	122 . entrar na menopausa
59 . borrego	128 . ama-de-leite
60. perda da cria	135 . finado/falecido
72. patas dianteiras do cavalo	137. pessoa pouco inteligente
78. boi sem chifre	164. chicote-queimado/ lenço atrás
79. cabra sem chifre	171. fuligem
80. úbere	177. geléia
84. sanguessuga	193 . diadema/arco/tiara
85 . libélula	

No Questionário Morfossintático (QMS), a porcentagem de omissão foi de 20%: das 49 questões, em 10 não obtivemos as respostas previstas. No caso desse questionário, particularmente, as respostas dadas pelo informante eram, a rigor, perfeitamente adequadas às perguntas, mas não correspondiam exatamente às formas esperadas. Por exemplo: na questão 39, em vez de *soube* ou *sube* (1ª pessoa do singular do perfeito do verbo *saber*) ocorreu *fiquei sabendo*, forma que, na verdade, ocorre com muita frequência no contexto apresentado. Cabe observar que a insistência do inquiridor para a obtenção das respostas de morfossintaxe foi moderada, para não tornar a interação muito artificial.

É bom salientar que as questões que não foram respondidas da primeira vez foram devidamente anotadas e feitas novamente no final da entrevista. Por que, então, o informante não teria respondido como esperado? O que indicaria a omissão desses itens lexicais? Analisando as respostas omitidas do QFF e do QSL podemos pensar em algumas explicações, que apresentamos a seguir.

1.º) O informante desconhece o referente em questão e, conseqüentemente, o item lexical que o nomeia. Muitas vezes esse desconhecimento é tematizado pelo informante, em respostas como “Não sei”, “Não conheço”, o que ocorreu mesmo diante da figura apresentada pelo inquiridor, como foi o caso da questão 55 – *cangalha*. Tendo em vista os referentes aparentemente ignorados, algumas áreas semânticas se identificaram como mais distantes da realidade do informante, em função mesmo das características sociais desse informante, como assinalamos a seguir.

Por sua vivência exclusivamente urbana, o informante mostrou pouca familiaridade com campos lexicais mais próprios do mundo rural, como itens associados a atividades agropastoris, fauna, observação dos astros. São exemplos desse tipo as questões (do QSL) 47 – *soca*, 54 – *cangalha*, 59 – *borrego*, 78 – *boi sem chifre*, 80 – *úbere*, 24 – *alvorada*, 30 – *estrela*

da tarde, 33 – *via láctea*. O desconhecimento desses itens lexicais não é aleatório; ao contrário, constitui, de certa forma, um reflexo lingüístico de mudanças que ocorreram na sociedade brasileira, alterando o peso das referências rurais no nosso cotidiano.

- Por ser homem e solteiro, o informante revelou dificuldade com itens mais ligados ao universo feminino. É o caso das questões (também do QSL) 113 – *útero*, 121 – *menstruação*, 122 – *menopausa*, 128 – *ama-de-leite*, 193 – *tiara*.
- A condição sócio-econômica desfavorecida do informante é compatível com a pouca familiaridade por ele demonstrada em relação ao termo *geléia*, (questão 177 do QSL), cujo referente parece-nos ter pouco uso no segmento social do informante.

2º) Uma outra explicação para a omissão de algumas respostas seria o tabu lingüístico. Esse fator foi explicitado pelo informante em relação ao nome da *libélula* (questão 85 do QSL), e poderia explicar também a não ocorrência dos termos já mencionados *útero*, *menstruação*, *menopausa* (questões 113, 121 e 122 do QSL), e do termo *braguilha* (questão 142 do QFF), que o informante não enunciou, alegando, com convicção, não se lembrar.

3º) Uma outra explicação para as respostas omitidas seria a falha da memória. Essa explicação caberia para itens como *chicote-queimado* (questão 164 do QSL), lembrança remota da infância do informante, e mesmo para *ama-de-leite* (questão 128 do QSL) e *dor-d'olho* (questão 95 do QSL), que também poderiam ser lembranças distantes no tempo.

4º) Uma última mas não menos importante explicação para a não ocorrência de certas respostas poderia estar no próprio instrumento usado para a coleta do dado, ou seja, a formulação da pergunta poderia não estar suficientemente clara para o informante. Serve de atenuante, no caso, o

fato de que o inquiridor sempre propôs formulações alternativas quando observava que a formulação inicial não levava à resposta esperada.

Ainda com relação à reação do informante ao questionário, devemos acrescentar duas observações finais. Em primeiro lugar, destacamos o fato de que as questões de pragmática referentes ao tratamento usado por falantes jovens ao se dirigirem a estranhos obtiveram por parte do informante respostas que correspondiam mais propriamente a sua maneira de falar. Isso mostra que o depoimento indireto sobre usos lingüísticos pode não ser muito objetivo.

Em segundo lugar, assinalamos que a leitura do texto no final da entrevista, que, em nossa expectativa, poderia inibir ou constranger o inquirido, revelou-se, no caso de nosso informante do sexo masculino, um momento prazeroso, de total envolvimento, despertando os comentários do leitor sobre a narrativa lida. Já a informante do sexo feminino fez uma leitura titubeante, apresentando muita dificuldade sobretudo com as formas verbais de 2ª pessoa do plural, muito distantes do uso atual da língua.

Considerações finais

Acreditamos que a reflexão sobre inquéritos realizados pode sempre contribuir para o aperfeiçoamento do trabalho futuro e, certamente, pudemos extrair lições da experiência inicial em Campinas. De uma maneira geral, podemos dizer que essa experiência foi bem sucedida e animadora, predispondo-nos à continuidade do trabalho de campo do ALiB.

Referências bibliográficas

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná: apresentação*. Londrina: Editora da UEL, 1996.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Projeto do atlas lingüístico do Brasil (Projeto ALiB)*. Mimeo: s/d.

PISCIO'TTA, Harumi. *Atlas lingüístico do Brasil: perfil dos informantes*. SEMINÁRIO DO GELCO, Campo Grande, 2001. Mimeo, 2001.

ROSSI, Nelson et al. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: MEC – INL, 1963.